



16 Out. 1912

Ótimo. Por hoje apenas um grande abraço do seu muito amigo

Sá-Carneiro

Hotel Richemond¹
11, rue du Helder

Paris 20 Out. 1912

Querido amigo

Francamente não tenho nada de interessante a dizer-lhe. Cá vou passeando pelos boulevards como aí pelo Rossio e rua do Ouro. Simplesmente não topo nem com o Castañé¹ das cartas amorosas nem com o eterno Ramos² da «quimera»...

Que coisas interessantes tem você a dizer-me? Surgiram-lhe ultimamente ideias novas? Não se esqueça de mo escrever. E o inquérito da *República*?³ Têm aparecido novos po-

lemistas? Se tiver pachorra responda-me a isto e a mais esta pergunta: O Santa-Rita⁴ já voltou para Lisboa? Eu escrevi-lhe de cá para o Estoril.

Livros importantes não têm aparecido ultimamente. Nas montras das livrarias apenas se ostentam volumes que já havia aí e alguns novos romances policiais — literatura que há anos já é a preferida pelos leitores de todo o mundo...

Quanto a novidades literárias pessoais tenho uma a dar-lhe: Encontrei um belo episódio final para o *Gentil Amor*⁵. É um episódio doloroso, lamentável e perturbante que fechará muito bem o volume⁶ — porque segundo se me afigura quase certo a novela estender-se-á a umas 3 horas de leitura. O que preciso é começar a escrevê-la. Fá-lo-ei logo após me ter instalado definitivamente, o que sucederá para a semana. É mesmo melhor você não me responder a esta carta senão depois de eu lhe enviar o meu novo endereço.

Por hoje, mais nada. Isto é: resta-me falar-lhe no tempo, coisa imprescindível numa carta destas: Tem havido muita bruma, unvida de quando em quando por alguns raios dourados do cálice de hóstia rubra... (sem espírito nem ofensa; você sabe muito bem quanto simpatizo e respeito a Renascença⁷ e — antes de mais nada — o seu crítico).

Um grande abraço de sincero amigo

o

Sá-Carneiro

Como vai o folheto⁸?

Assim que receber o meu novo endereço, responda-me imediatamente!

Sá

22 Out. 1912
de Paris

Querido amigo

Afinal demoro-me mais no hotel do que imaginava. Se quiser ainda me pode escrever — o que para mim seria uma grande alegria — para o Hotel Richemond — 11, rue du Helder. *Mas só se escrever ainda hoje e deitar a carta ainda hoje até qualquer hora da noite*; visto que no começo da próxima semana mudarei com certeza de hotel.

Um grande abraço do seu

Sá-Carneiro

Paris, 28 Out. 1912

Querido amigo

Tenho andado muito com o Guilherme de Santa-Rita¹. É um tipo fantástico, não deixando no entanto de ser interessante.

Imagine você que a uma mesa do Bullier², em frente dum laranjada — e tendo por horizonte o turbilhão dos pares dançando uma valsa austríaca — de súbito, a propósito já não sei de quê, me desfechou esta:

— ... porque eu, sabe você meu caro Sá-Carneiro, não sou filho da minha mãe...³.

Julguei estar sonhando, mas ele continuou:

— O meu pai, querendo dar-me uma educação máscula e rude, mandou-me para fora de casa quando era muito pequeno. Fui para uma ama cujo marido era oleiro. Essa ama tinha um filho. Uma das crianças morreu. Ele disse que fora o seu filho. Entretanto a instância de minha mãe e devido a eu ter ido com uma companhia de saltimbancos tendo sido encontrado em Badajoz (eis os saltimbancos de Jaime Cortesão,

coisa que aliás ele me confessara ser blague) voltei para casa dos meus pais. Em 1906 porém a minha ama morreu e deixou uma carta para minha mãe em que lhe confessava que quem morrera fora o filho dela. Logo eu não era o filho da minha mãe mas sim da minha ama. É este o lamentável segredo, a tragédia da minha vida. Sou um intruso. Ah! mas hei-de dar uma satisfação à sociedade! É por isso que eu quero ser alguma coisa nesta vida! E abençoo a minha verdadeira mãe que, para eu ser mais feliz não teve hesitação em perder-me, em dar-me a outra mãe! Eu quando escrevo ao Augusto assino sempre, humildemente, Guilherme Pobre. E foi por isto que, quando estive em Lisboa não quis ir para minha casa, fiquei num hotel. (Diga-me você, Pessoa, se isto é verdade).

Depois desta longa tirada que me deixou boquiaberto eu sorri e comentei «que era muito interessante... um verdadeiro romance folhetim...». Saímos. E cá fora, ainda falando no caso, ele ria nervosamente, sinistramente, encostando-se a mim...

Que diz você a isto, Fernando? Peço-lhe que faça comentários e que, em todo o caso não divulgue a história, pois ele me pediu o *máximo segredo*... É espantoso! E de mais nessa mesma noite ele jurara-me que se deixara por completo de blagues.

Outra coisa interessante são as suas opiniões literárias e as suas ideias políticas: Em literatura, quer em prosa quer em verso, não admite a sombra duma ideia. Declarou-me quando eu lhe contei o *Homem dos Sonhos*:⁴ Que era interessante sem dúvida, mas que só pelo facto de *se poder contar* perdia para ele todo o mérito. Enfim: só admite coisas que se não possam narrar, e citou-me o «Outono» do Carlos Parreira⁵.

Quanto a política é ultramonárquico, intitula-se mesmo imperialista e afirma que o artista tem a necessidade de se acolher sempre a um homem superior — a um rei, porque para ele todos os reis lhe são superiores. Em frente do próprio D. Manuel, conforme se declarou, ele se considera inferior. Eu respondi-lhe: «Meu caro, pois eu se me considerasse inferior ao D. Manuel dava um tiro na cabeça.»

Que diz você a isto? Também se considera inferior a todos os reis e acha que o artista necessita — segundo a expressão do S. Rita — de ter um *senhor*? Fale sobre isto.

O Ramos? que é feito do Ramos? Sempre foi para o Brasil⁶? Fale-me da gente conhecida; suplico-lhe que me escreva longamente na volta do correio, dando novidades literárias, falando de si etc. Um grande abraço do seu muito amigo

Sá-Carneiro

Escreva para Grand Hôtel du Globe, 50, rue des Écoles

Meu caro⁷,

Acabo de ler a carta junta e vejo que está horrível; mal escrita, emaranhada. É talvez o ruído do boulevard que me entra pela janela aberta do hotel que me descarrilou a gramática. Perdoe-me, mas não lhe escrevo outra.

Ainda a respeito do Santa-Rita: Ele explica a sua habili-
dade e a sua tendência para a pintura por o seu pai ser oleiro...

Actualmente, disse-me, trabalha num quadro que re-
presenta «o silêncio num quarto sem móveis»...

Há pouco tempo pintou também — coisa que considera
uma das suas melhores obras — um pequeno quadro que re-
presenta um W. C. Não posso julgar das obras porque não as vi.
Ele mesmo afirma que as coisas que pinta só umas 10 pessoas,
em todo o mundo, as podem não só compreender como *ver*...

Escreva!!

Sá-Carneiro

Não se esqueça de me dizer se tem visto o Ramos.
E o folheto? E a *Águia*?

Grand Hôtel du Globe 50, rue des Écoles